

UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA

Tathiana Martins Cunha

**“A história no cinema: O Governo Barack Obama e as recentes
representações negras no cinema norte-americano”**

Juiz de Fora

2017

Tathiana Martins Cunha

**“A história no cinema: O Governo Barack Obama e as recentes
representações negras no cinema norte-americano”**

Trabalho de Conclusão de Curso
submetido à Universidade Federal de
Juiz de Fora como parte dos requisitos
necessários para a obtenção do Grau de
Licenciatura em História. Sob a
orientação do Professor Doutor Fernando
Perlatto Bom Jardim.

Juiz de Fora

2017

Dedico este trabalho a todos que
contribuíram direta ou indiretamente em
minha formação acadêmica.

AGRADECIMENTOS

Dedico este trabalho a todos que contribuíram para a realização do mesmo, bem como em toda a jornada acadêmica. Primeiramente agradeço a Deus por me guiar todos os dias da minha vida, principalmente durante os últimos quatro anos. A minha avó Ida que, mesmo não estando mais entre nós, sempre se fez presente, pois nunca apaguei da memória todos os seus ensinamentos. A minha avó Regina que lembra-me todos os dias o valor de uma pessoa que busca realizar todos os seus sonhos e desejos.

Agradeço aos meus pais. Graças aos seus esforços e ensinamentos sou a primeira de muitas gerações da família a concluir uma graduação. Obrigado a todos os meus familiares de forma geral, pois todos fazem parte dessa realização de alguma forma, sempre me incentivando e motivando a dar o meu melhor. Mesmo quando pensava em desistir, não me deixaram desanimar.

Gostaria de agradecer, em especial, a minha professora de história do Ensino Fundamental, Elizabeth Xavier, pois foi a principal motivadora do meu desejo de cursar história, graças as suas aulas que sempre me cativaram e me fizeram ficar encantada pelo ensino e aprendizagem da história. Muito obrigada por todos os anos de motivação! Você é parte fundamental dessa realização em minha vida.

Ao meu principal motivador nos últimos dois anos, meu amigo, namorado, companheiro e parceiro pra vida, Matheus, por estar sempre do meu lado e nunca desistir de mim. Obrigada pelo seu carinho e incentivo nos bons momentos e, principalmente, nos difíceis. Agradeço por estar sempre me motivando nos momentos em que eu estive desmotivada.

Aos meus amigos e companheiros de curso, Deneval, Pedro, Luanne, Gisele, Louise e Mariana. Vocês fizeram essa caminhada ser maravilhosa. Sem vocês o curso não teria sido o mesmo.

Agradeço pelo companheirismo e pelas lutas diárias sem deixar ninguém de lado. Levarei vocês comigo por toda vida.

Aos meus professores durante toda a graduação, por todos os ensinamentos e aprendizagens, em especial ao professor Fernando Perlatto, meu orientador neste trabalho, pelos ensinamentos únicos que vou levar para a vida.

*“A liberdade não vai descer ao povo; o
povo deve se levantar para a liberdade.”*

Inscrição na lápide de Emma Goldman (1869-1940)

RESUMO

O trabalho pretende analisar a relação entre história e cinema a partir da crescente representação dos negros nas produções cinematográficas no cinema norte-americano, principalmente nos últimos anos do século XXI, buscando relacionar essa representação à eleição do primeiro presidente negro dos Estados Unidos: Barack Obama. O tema das lutas negras pelos direitos civis ganhou grande espaço nos cinemas, bem como levou atores negros a ganhar visibilidade em premiações de grande importância, principalmente após a polêmica envolvendo a premiação do Oscar em 2016, quando nenhum ator negro ou produção com a temática negra foram indicados. Esse movimento de análise nos permite compreender como o país ainda está ligado às suas raízes escravocratas e racistas que fundaram a nação, ressaltando cada dia mais a superioridade da raça “pura”, a elite branca. Nesse contexto, as tensões raciais não foram superadas após a eleição de Obama, assim como não há uma relação direta do presidente com as lutas negras.

Palavras-chave: representações negras, tensões raciais, cinema norte-americano, história e cinema, Barack Obama.

ABSTRACT

The paper intends to analyze the relationship between history and cinema from the growing representation of blacks in cinematographic productions in North American cinema, especially in the last years of the 21st century, related or not to the election of the first black president of the United States: Barack Obama. The theme of black civil rights struggles gained a lot of space in theaters, as well as leading black actors to gain visibility in major awards, especially after the controversy surrounding the Oscar awards in 2016 when no black actors or black-themed production has been indicated.

This movement of analysis allows us to understand how the country is still linked to its slave and racist roots that founded the nation, emphasizing more and more the superiority of the "pure" race, the white elite. In this context, racial tensions have not been overcome after the election of Obama, and their relationship with black fights does not happen directly.

Keywords: black representations, racial tensions, North American cinema, history and cinema, Barack Obama.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO

1 A RELAÇÃO ENTRE HISTÓRIA E CINEMA

2 OBRAS CINEMATOGRAFICAS E SUAS REPRESENTAÇÕES DAS LUTAS NEGRAS PELOS DIREITOS CIVIS

3 A CRESCENTE REPRESENTAÇÃO DOS NEGROS NO CINEMA NORTE-AMERICANO E SUA RELAÇÃO COM O GOVERNO OBAMA

CONSIDERAÇÕES FINAIS

REFERÊNCIAS

INTRODUÇÃO

1 A relação História-Cinema

Para os historiadores, durante muito tempo, as fontes históricas deveriam vir de formas “tradicionais”: documentos históricos, relatos e qualquer coisa que demonstrasse mais veracidade no trabalho dos mesmos. O objeto de pesquisa em questão, deveria ser algo palpável que, de certa forma, atestasse a veracidade dos fatos e garantisse que o historiador chegasse o mais perto possível da realidade dos fatos ocorridos sobre um determinado acontecimento.

A partir dos anos 1970, novas fontes históricas começam a ganhar espaço para a análise dos fatos históricos, entre as quais se destaca o cinema. Determinado como um novo tipo de objeto, este surge na chamada “Nova História”, que consiste em uma nova maneira de se fazer e trabalhar com história um método trazido pela Escola de Annales, abrindo um leque de possibilidades do meio cinematográfico para a história.

Para Marc Ferro¹, apesar dos filmes exprimirem a realidade de determinados fatos, aproximando-se de um tipo de narrativa histórica, esta não está livre de intervenções de quem a produz ou até mesmo das repressões do Estado. Sendo assim, fatos podem ser alterados. Mas de qualquer maneira, eles abrem possibilidades para se entender a sociedade que está sendo representada ou um determinado grupo social, entre outros, para além de documentos escritos. Trata-se de uma nova possibilidade de se fazer história. Os problemas de interferências de quem produz o filme ou do Estado, citados acima, levam muitos historiadores, mais conservadores, a tratarem o cinema como um fonte inviável e da qual deve-se duvidar a todo momento. Ora, mas mesmo de um documento histórico não

¹ CAPELATO, Maria Helena et al. (orgs.). **História e cinema: dimensões históricas do audiovisual**. 2. ed. São Paulo: Alameda, 2007 p. 48-49

se pode garantir que tudo que ele contenha seja verídico, pois como se sabe, a história ocorre a partir de aproximações de uma possível realidade, levando em conta o que os documentos, os relatos e as conclusões do historiador podem concluir, nunca há uma verdade absoluta, mas uma aproximação dela, mas levando em conta diferentes pontos de vista. O mesmo pode acontecer com uma obra fílmica, pois ela pode muito bem exprimir o ponto de vista do seu criador sobre o que ele pretende contar ou esta obra pode sofrer repressão do Estado, como ocorreu em vários períodos da história do mundo, pretendendo esconder a verdade da população.

No que diz respeito à relação entre cinema e história, é possível se pensar em duas categorias: filmes de origem ficcional e os documentários, sendo os primeiros muito desprezados por alguns historiadores, pois não retratam de forma fiel a realidade, trabalhando a partir de uma perspectiva imaginária, enquanto o documentário é mais capaz de atestar sua veracidade. Para Ferro, esse desprezo em relação aos filmes ficcionais é um erro, pois mesmo se tratando de uma obra ficcional, é preciso levar em conta que a produção faz parte do imaginário das pessoas da época em que o filme é produzido, seja no presente ou no passado². Os filmes têm um caráter onde é possível serem analisados a partir do presente que é produzido, para um passado que pretende representar, levando em conta peculiaridades e intervenções pessoais que possam existir de quem os produz. Isso é quase inevitável, nem mesmo um documentário é capaz de escapar desses “retoques” pessoais, que não necessariamente, resultam na fuga da realidade, mas partem de uma realidade que seus produtores reconhecem na sociedade que pretendem representar.

Os documentários por sua vez, são tratados com menor desprestígio pelos historiadores, pois não possuem uma narrativa romantizada como os filmes ficcionais, os quais não teriam valor de

² CAPELATO, Maria Helena et al. (orgs.). **História e cinema: dimensões históricas do audiovisual**. 2. ed. São Paulo: Alameda, 2007 p. 48-49. Isto aparece também em MORETTIN, Eduardo. **O cinema como fonte histórica na obra de Marc Ferro**. História. Questões e Debates, Curitiba, v. 20, n.38, p. 11-42, 2003.

conhecimento, por interagir com o imaginário. Além do mais, nos documentários, o tipo de filmagem traz maior veracidade para o assunto em questão. Eles pretendem apenas exprimir testemunhos a cerca da realidade. Testemunhos reais de acontecimentos passados através da fala de personagens que narram os fatos a partir de suas lembranças e memórias, mas não possuem um caráter de contraposição à sociedade. Estabelecem uma relação informativa visual, que não tem o objetivo de fazer uma crítica social. Mas como todo documento, o documentário é também uma construção da sociedade e da época da qual se fala, seja intencional ou não e tem o compromisso com a “verdade” que lhe é apresentada. Cabe ao historiador, segundo Jacques Le Goff, estabelecer um olhar crítico quanto ao documentário como monumento³. Mas mesmo se tratando de um documentário, os historiadores ainda tratam fontes cinematográficas com pouca relevância de um modo geral, pois estão ligados ao conservadorismo historiográfico que valoriza os documentos escritos como fonte confiável para se fazer uma análise rigorosa sobre os fatos e chegar-se o mais próximo possível da veracidade do fato histórico. Apesar dessa pouca consideração dada às obras cinematográficas enquanto fontes históricas em potencial, associadas ao conservadorismo historiográfico, as fontes não escritas, inclusive cinematográficas, acabam sendo utilizadas para as análises historiográficas devido a possível falta de documentos históricos para se estudar um determinado fato histórico.⁴

Uma característica muito importante da escrita fílmica histórica recente é a retirada do pedestal de grandes feitos de grandes personalidades históricas, que caem na tradição dos estudos históricos. Pretende-se dar espaço às minorias como protagonistas, “contando” sua versão dos fatos que já se conhece com a visão

³ MORETTIN, Eduardo. Et. Al. (orgs.). **História e documentário**. 1. Ed. Rio de Janeiro: FGV, 2012 p. 31.

⁴ CAPELATO, Maria Helena et al. (orgs.). **História e cinema: dimensões históricas do audiovisual**. 2. ed. São Paulo: Alameda, 2007 p. 48.

dominante apenas. Denominada por Ferro de “contra-história”,⁵ esta aparece ligada ao cinema quando é elaborada para romper com essa tradição escrita que privilegia a elite social trazendo novos atores sociais antes invisíveis, tornando-os protagonistas da narrativa histórica. Isso permite uma possível tensão entre as narrativas de determinados fatos, que passam a contar com grupos marginalizados para a construção de novos saberes históricos, ou um complemento para o que já se sabe. Essencialmente, os filmes ficcionais possuem essa característica da contra-história, pois não apresentam a necessidade de ser uma narrativa informativa. Através de comportamentos sociais das minorias que fogem do padrão elitista do qual se tem maior conhecimento nos documentos históricos escritos.

Nesse sentido, ao dar lugar às minorias através das representações históricas do cinema, pretende-se, neste trabalho, indicar como a indústria cinematográfica dos Estados Unidos tem demonstrado grande interesse ao longo das últimas décadas, em transformar os negros nos principais protagonistas de filmes hollywoodianos de grande sucesso. Estes filmes trazem vários momentos da luta dos mesmos por seus direitos, desde a escravidão até as lutas por direitos iguais que começam nos anos 1950, mas que perduram até os dias de hoje. Pretende-se, nesse trabalho, responder às seguintes questões: O que teria motivado essa nova abordagem cinematográfica? Quais as consequências para a sociedade norte-americana? Os negros sentem-se representados? Devemos ressaltar que, apesar desse espaço dos negros no cinema ter crescido muito nos últimos anos, essas representações são feitas, sobretudo, a partir da perspectiva de uma sociedade branca. Nesse sentido muitas dessas visões, ainda estão carregadas de racismo, pois a maioria dessas produções nos faz sentir somente pena desse grupo social e amar cada personagem branco que estende a mão ao personagem negro que está sofrendo,

⁵ Idem, p. 40 a 44.

como um sinal de ajuda da camada com o poder social e político nas mãos, sem a qual os negros não teriam a menor chance de resgatar seus direitos.

A partir disso, pretende-se, nesse trabalho, analisar algumas obras cinematográficas que trabalham a representação dos negros norte-americanos, durante o período em que o país estava sendo governado pelo seu primeiro presidente negro: Barack Obama. O objetivo será o de analisar se essas propostas de um novo tipo de representação de minorias no cinema contribuem ou não para uma representação menos preconceituosa dos negros como figuras da marginalidade da sociedade norte-americana.

Para essa análise, foram selecionadas as principais obras cinematográficas produzidas durante o Governo de Barack Obama que obtiveram grande visibilidade nas principais premiações cinematográficas norte-americana, além de exaltar atores negros antes esquecidos em papéis secundários. As obras em questão, fazem uma análise do período pelas lutas negras por direitos raciais nos Estados Unidos a partir dos personagens centrais, negros, estabelecendo suas relações com os acontecimentos nessa fase de lutas, bem como o cotidiano dos personagens submetidos à segregação racial estabelecida no país, mesmo com o fim da escravidão. Foram selecionados três filmes para a análise, a saber : *Histórias Cruzadas*⁶ e *Estrelas Além do Tempo*⁷, que abordam questões feministas além da questão racial e *O Mordomo da Casa Branca*⁸, que aborda o período a partir da visão de um mordomo negro da Casa Branca.

⁶ 2011, Direção: Tate Taylor.

⁷ 2016, Direção: Theodore Melfi.

⁸ 2013, Direção: Lee Daniels.

2 OBRAS CINEMATOGRÁFICAS E SUAS REPRESENTAÇÕES DAS LUTAS NEGRAS PELOS DIREITOS CIVIS

Histórias cruzadas é um filme lançado em 2011, dirigido por Tate Taylor, baseado no livro homônimo *“The help de Kathryn Stockett*. O filme acontece durante os anos 1960 em uma pequena cidade do Mississippi chamada Jackson, onde a elite branca conservadora vive ainda um período de racismo e segregação entre brancos e negros. A narrativa pretende contar os acontecimentos dessa pequena cidade a partir da perspectiva das empregadas domésticas negras, que deixam seus lares para cuidar dos filhos e da casa das mulheres brancas de elite, recebendo salários muito baixos e passando, ao longo do filme, por situações de extrema humilhação, como a separação de banheiros para uso de brancos e negros.

As principais personagens são as empregadas Aibileen (Viola Davis) e Minny (Octavia Spencer). Acompanhamos a partir delas os desafios de ser uma mulher negra durante um período de grande segregação racial nos Estados Unidos. Nesse contexto, a narrativa traz a personagem Eugênia Skeeter (Emma Stone), uma jovem da elite branca que retorna à sua cidade natal decidida a se tornar escritora, contrariando a vontade da mãe, que deseja que a filha, como todas as moças da cidade, se case com um rapaz da elite e tenha muitos filhos. A partir desse desejo, Skeeter começa a ouvir histórias da vida de Aibileen como uma empregada doméstica da elite branca. Embora a personagem de Viola Davis se mostre um pouco relutante no começo, com medo de sofrer um tipo de retaliação por contar suas “histórias”, ela decide se encontrar às escondidas com Skeeter para ajudá-la em seu projeto. Com o tempo, muitas empregadas começam a contar suas histórias para a jovem escritora e, a partir disso, ela escreve um livro que promete romper com o conservadorismo da pequena cidade do Mississippi e provocar a ira das senhoras brancas que passam a ter seu cotidiano exposto no livro.

Em muitas cenas do filme é possível perceber a grande segregação racial existente na época, bem como os negros, neste caso as empregadas negras domésticas em especial, eram subordinados aos mandos e desmandos de uma sociedade majoritariamente branca. Em especial, a cena em que a empregada vivida por Viola Davis é acusada pela amiga de sua patroa de ter roubado alguns objetos da prataria que ela havia emprestado, simplesmente como um forma de vingança pelos fatos narrados no livro publicado por Skeeter. Apesar de ter absoluta certeza que sua empregada não havia roubado nada, que tudo não se tratava de uma armadilha para Aibileen, sua patroa apenas observa enquanto ela tenta se explicar e provar que não havia roubado nenhum objeto da prataria. Dessa forma, a empregada é demitida e obrigada a deixar a casa e a filha de sua patroa, que chora ao descobrir que não terá sua “mãe negra” consigo todos os dias. Na cena em questão fica claro como os negros estavam sujeitos até mesmo a um simples capricho de um patrão, bem como qualquer coisa de valor que desaparecia deveria ter a culpa recaída sobre a empregada negra, pois ela não é “confiável”. Qualquer tentativa de provar a inocência é em vão, pois é a palavra de um negro contra a palavra de um cidadão “branco de bem”.

O filme é uma produção para o cinema hollywoodiano que coloca a figura de mulheres negras como protagonistas de sua própria história, tratando de questões raciais latentes nos Estados Unidos durante as décadas de 1950/60, principalmente devido às crescentes lutas de minorias, como mulheres e os negros inclusive, principalmente pelo surgimento de líderes da causa como Martin Luther King Jr., A própria atitude das domésticas em se abrir no filme é caracterizado como uma forma de luta para esse grupo. Apesar disso, não podemos esquecer que o filme é uma representação branca sobre os negros, portanto, ainda é carregado de racismo, algo não muito evidente a um simples telespectador, pois este é tomado pela ideia principal que é apelar para o emocional do público, que começa a sentir pena das “pobres” empregadas negras

e acredita que no fim tudo ocorreu como uma perfeita “revolução”, já que o livro faz um grande sucesso e as domésticas podem finalmente falar sobre como é ser elas através dele. Mas mesmo assim, elas não fizeram isso por sua conta, precisaram ter ajuda de um membro da elite branca representado por Skeeter, que é quem vai escrever e publicar o livro. Esta representação coloca os negros como frágeis e incapazes de se manifestarem sozinhos, sem os “simpatizantes” brancos da elite que são os únicos capazes de promover uma possível melhoria ou visibilidade para os negros. Na produção também fica evidente que é possível colocar negros como protagonistas de um filme hollywoodiano, desde que os mesmos sejam representados em situações de racismo e sem se “misturar” com os brancos.

Estrelas além do tempo é uma produção de 2016, dirigida por Theodore Melf que traz a histórica corrida espacial travada entre Estados Unidos e Rússia durante a Guerra Fria, onde três moças afro-americanas provarão seu valor dentro da NASA, liderando uma das maiores operações tecnológicas já registradas na história dos Estados Unidos. Na produção, Octavia Spencer, Taraji Henson e Janelle Monáe, são tratadas com desprezo por serem mulheres negras e se destacarem dentro de um ambiente quase dominado por homens machistas. A personagem de Taraji Henson ganha destaque por ser muito boa em cálculos e por isso, ganha um cargo de certa importância junto ao personagem de Kevin Costner em um ambiente dominado por homens brancos. Por ser negra e mulher, ela sofrerá perseguições de um personagem em especial vivido por Jim Parsons, que não aceita uma negra ganhar o espaço que a personagem ganha ao longo da trama, quase que o braço direito do chefe. A partir disso, as três personagens irão demonstrar sua disposição para cumprir com suas obrigações dentro do ambiente de trabalho com perfeição, adquirindo o respeito de muitos ao longo do filme.

Dentre todas as cenas de racismo protagonizadas pelas personagens, o auge delas acontece quando a personagem de

Taraji Henson, cansada de ter que passar todos os dias vagando de um prédio ao outro para poder usar o banheiro, pois o prédio onde trabalha não possui banheiros para pessoas de cor, acaba se irritando e “explodindo” em raiva, quando seu chefe a questiona o motivo que a leva a se ausentar tanto tempo do seu trabalho quando vai ao banheiro. Ela declara em alto e bom som que isso é pelo simples fato de que ela precisa ir até o outro prédio para poder usar o ambiente e acaba levantando todas as suas frustrações no ambiente de trabalho, como todos olhavam diferente para ela, a tratavam diferente, mesmo em pequenos detalhes, como deixar uma cafeteira separada para ela na mesa do café. Com isso, seu chefe toma suas dores e derruba a placa do banheiro feminino do prédio em que as mulheres negras não poderiam usar e declara que a partir de agora aquele é apenas um banheiro, independente da cor da pele de quem o esteja usando.

Na cena é abordado um tipo de resistência por parte dos negros, representado através da fala da protagonista, demonstrando que não estava mais disposta a suportar os descasos vividos em seu ambiente de trabalho calada. Mas também é possível perceber na cena em que o personagem de Costner derruba a placa do banheiro que sempre há uma “mão branca amiga” para amparar os negros injustiçados, ressaltados para o telespectador como os heróis da causa negra, o elo que liga os negros a um tipo de aceitação futura dentro da sociedade.

O filme é uma forte crítica ao racismo latente com os afro-americanos, além de tratar da questão feminista, pois aborda a temática das mulheres que se destacam em ambiente de trabalho como a NASA, em uma época onde os homens dominavam o cenário.

Embora faça essa abordagem da questão racial, o filme permanece na linha da representação dos negros pelos brancos no cinema, pois demonstra a fragilidade e a submissão que as três moças passam ao longo do filme, sempre contando com um

“defensor” branco que funciona como o elo entre sua possível vida em conjunto com os brancos, nesse caso representado por Kevin Costner, colocado como um herói ao defender os interesses da sua funcionária negra, tornando possível que ela “suba” dentro da empresa. Mais uma vez, os negros são colocados como submissos, que só resolvem “reagir” a sua situação, impulsionados por uma figura branca da elite que surge como uma espécie de herói da causa negra, sem o qual nada poderia ter sido feito ou conquistado.

O Mordomo da Casa Branca é uma produção de 2013, dirigida por Lee Daniels, que trata sobre a vida de Cecil (Forest Whitaker), que viveu a dureza da escravidão no sul dos Estados Unidos, viu seu Pai ser morto e sua mãe estuprada pelo seu senhor branco. Quando adolescente, ele parte em busca de uma vida melhor, deixando para trás todos os horrores que havia vivido ali. Chegando em Washington, ele consegue um emprego como mordomo na Casa Branca, e lá permanece por oito mandatos de diferentes presidentes, passando por momentos históricos de grande importância, como o assassinato do Presidente Kennedy. Enquanto isso, ele precisa ser marido e pai em uma sociedade turbulenta marcada pelo racismo.

Ao longo da trama, ele passa por várias desavenças com o filho mais velho, que luta nas ruas pelos direitos dos negros na sociedade, algo que Cecil não concorda, pois não acredita que seja de bom tom o filho ser preso ou espancado na rua por policiais ou membros de grupos extremistas e racistas, como a Ku Klux Klan.⁹

A cena que mais chama à atenção, apesar de ser pequena e supostamente sem importância, é quando Cecil chega até a Casa Branca para um tipo de entrevista para o emprego com o chefe dos mordomos, também um homem negro que questiona Cecil sobre sua possível postura com relação ao trabalho e, percebendo que ele se encaixa bem na postura que deveria adotar, declara a frase “você será um ótimo negro domesticado”, um termo usado, pelo que o

⁹ Em 1865, no sul dos Estados Unidos, surgiu um grupo de racistas, que se vestiam com roupas brancas e capuzes, montavam cavalos e perseguiam negros (ex-escravos, libertos na Guerra de Secessão) e seus defensores, denominado Ku Klux Klan.

filme aborda, para tratar de um negro que recebe uma educação e bons modos para trabalhar dentro de casa junto com o senhor, diferente daqueles “selvagens” que trabalham usando a força do corpo e são tratados como inferiores. Na cena e ao longo do filme, é possível perceber que ser um negro “domesticado” significa status entre os próprios negros, um tipo de promoção e benefício que ganham dos brancos. É uma forma de se aproximar do “mundo” dos brancos, mas nunca fazer parte dele, pois negros são negros e brancos são brancos, eles jamais seriam iguais e é justamente isso que o personagem principal sente e acredita que seja o correto, pois nunca foi apresentado a nenhuma outra possibilidade e foi “iludido” pelo mundo que lhe foi oferecido enquanto o mordomo da Casa Branca.

Sendo o filme uma produção hollywoodiana, ainda trata da representação dos negros a partir de uma visão branca elitizada e, assim como nos filmes anteriores, o negro é representado como frágil, medroso e submisso na figura de Cecil, que serviu por oito anos na casa Branca sem pestanejar ou reclamar, deixando até mesmo sua família em segundo plano para se dedicar ao trabalho. Muitas vezes no filme, é usado o termo “negro domesticado” para se referir ao mordomo. Mais uma vez, a figura do branco como uma mão amiga, é colocada na figura dos presidentes, principalmente na figura de Kennedy, que parece se preocupar com o bem-estar de Cecil e com os militantes negros que são constantemente espancados nas ruas, demonstrando sua impaciência e nervosismo para que a situação seja mudada em prol dos negros.

Por outro lado, aqui temos a figura do filho de Cecil, que não se encaixa nos padrões de negro submisso que espera uma “mão branca amiga” para socorrer suas necessidades. Ele é um militante engajado na causa contra o racismo, que está nas ruas lutando pelos seus direitos. Mas nesse ponto, o negro representado por ele, é colocado de forma agressiva e até mesmo rebelde e “sem futuro”, pois ele larga a faculdade, contra a vontade do pai, para estar nas ruas em busca de justiça.

3 A CRESCENTE REPRESENTAÇÃO DOS NEGROS NO CINEMA NORTE-AMERICANO E SUA RELAÇÃO COM O GOVERNO OBAMA

Como já citado acima, todas as obras cinematográficas listadas neste trabalho são representações dos negros a partir de uma concepção elitista branca que marcou o cinema norte-americano nos últimos anos, pois coloca os negros como personagens centrais da trama. Embora a principal semelhança entre os filmes seja a abordagem da segregação racial nos Estados Unidos e as resistências negras, a mais importante ligação entre esses filmes, entre outros, é a de que eles foram lançados no cinema durante o período em que o país estava sendo governado pelo seu primeiro presidente negro, Barack Obama.¹⁰ A eleição do primeiro presidente afro-americano poderia significar uma maior abertura política para as minorias, principalmente os negros, em uma sociedade ainda majoritariamente dominada pelos brancos. Ganhar espaço nos filmes, poderia ser a consolidação dessa relação das minorias com a sociedade norte-americana. No entanto, o que é possível perceber ao longo do mandato de Obama é que as tensões raciais no país não foram superadas e os negros ainda eram marginalizados e vinculados às ondas de crimes nos Estados Unidos.

Assim como no Brasil, existem aqueles que apoiam a superação do racismo norte-americano através de reparações ou indenizações aos negros, mas Obama sempre se mostrou contrário a esse tipo de abordagem da superação racial colocando em evidência novas abordagens que não estão mais ligadas aos problemas raciais, colocando em evidência a ascensão social e econômica através do mérito.¹¹ Apesar do discurso levantado pelo presidente da igualdade entre brancos e negros através do mérito independente da cor da pele, apagando de vez as heranças raciais

¹⁰ Barack Hussein Obama II é um advogado e político norte-americano que serviu como o 44.º presidente dos Estados Unidos de 2008 a 2016, sendo o primeiro afro-americano a ocupar o cargo.

¹¹ FINGUERUT Ariel, SOUZA Marco Aurélio Dias de: Raça e Imigração na nova configuração da política doméstica dos EUA durante os primeiros anos do governo de Barack H. Obama, p.5.

deixadas pela escravidão, através do discurso “Yes, we can!” (Sim, nós podemos!), pouco foi feito para superar as diferenças raciais durante o Governo Obama, quando as tensões e as manifestações foram frequentes. Obama levou a população a crer na superação de questões étnico-históricas para estabelecer oportunidades iguais de ascensão social para brancos e negros, mas na prática, a sociedade norte-americana se mostrou incapaz de abandonar raízes étnico-raciais para viver em igualdade com negros e imigrantes, deixando cada vez mais claro sua crença na superioridade da raça branca.

Obama faz parte de uma nova geração de políticos que pertence ao momento pós-lutas civis no país, ou seja, aqueles que entraram em cena após as lutas e não fizeram parte delas, havendo dificuldades para lidar com essas questões, buscando romper com uma igualdade baseada na indenização aos negros em busca da igualdade através do mérito.¹² No entanto, o então candidato democrata não era visto como um candidato com grandes chances por alguns políticos negros como James Clyburn, deputado negro da Carolina do Sul, que inicialmente apoiava Hillary Clinton, candidata que concorria a presidência contra Obama. Este era visto apenas como uma novidade e todos achavam impossível um candidato negro ganhar as eleições. Mas Obama venceu recebendo a maioria dos votos da população negra que acreditava na possibilidade das mudanças no país acontecerem para melhorar, pois, teoricamente, eles haviam conseguido eleger um representante que atenderia suas necessidades, após tantos anos de lutas, manifestações e reivindicações. Esse poderia significar o fim do monopólio da elite branca e uma ascensão social de grande importância para os negros que não puderam, até hoje, superar as raízes escravocratas e a segregação racial a qual foram jogados com o fim da escravidão.

A história da formação dos Estados Unidos enquanto uma grande potência econômica, está fundada na exploração das

¹² FINGUERUT Ariel, SOUZA Marco Aurélio Dias de : Raça e Imigração na nova configuração da política doméstica dos EUA durante os primeiros anos do governo de Barack H. Obama, p.5.

minorias e na afirmação da teoria do Darwinismo Social,¹³ que ressalta o sucesso da elite branca como a mais apta para exercer poder sob as minorias, justificando atrocidades como a escravidão e a segregação racial, uma ordem natural. Nos anos 1890, com o fim da escravidão, um novo sistema de segregação racial passou a predominar, principalmente no sul com fortes raízes escravocratas: negros e brancos não podiam frequentar os mesmos locais como escolas, bibliotecas, universidades, hospitais, entre outros. Negros não podiam exercer direitos políticos como o voto, este direito era reservado aos brancos, que faziam o possível e o impossível para conter as ondas de manifestações¹⁴. Mesmo com o fim da Guerra Civil, em 1865, que dividia o país entre o sul escravista e norte industrializado, a escravidão foi parcialmente superada, pois o racismo se fez mais forte e muitas organizações contrárias aos direitos civis aos negros surgiram, como exemplo da citada acima, Ku Klux Kan. Todos os dias negros eram linchados, assassinados e humilhados nas ruas das cidades sulistas. Essa situação fez com que muitos negros migrassem para o norte do país no início do século XX em busca de melhores condições de vida, a maioria jovens que não se acomodavam e não se conformavam em viver dentro do sistema de segregação que lhes foi imposto. Embora a vida fosse um pouco melhor, o racismo no Norte também era latente e visível nas camadas trabalhistas, pois os negros eram restringidos a papéis de trabalhos domésticos, principalmente as mulheres, empregadas principalmente como empregadas domésticas. Essa situação é registrada nos filmes abordados neste trabalho, principalmente no terceiro filme analisado, *O Mordomo da Casa Branca*, que aborda a “fuga” do personagem principal da vida sulista, em busca de melhores condições de vida no norte do país, Washington, onde consegue estabelecer uma vida melhor, mas

¹³ As ideias difundidas pelo Darwinismo social acreditam que as sociedades evoluem naturalmente de um estágio inferior para os estágios superiores e mais complexos de organização social.

¹⁴ KARNAL Leandro, **História dos Estados Unidos: da origem ao século XXI**. São Paulo: Editora: Contexto, 2013, p.179.

ainda assim sob a segregação racial, ganhando a vida através de uma atividade doméstica: mordomo.

A situação sob a pressão das segregações raciais, é presente nas três produções analisadas neste trabalho: as empregadas domésticas que são humilhadas pelas patroas brancas e recebem salários que pouco ajudam na sobrevivência; as mulheres da NASA que são ridicularizadas pelos homens, brancos, por buscarem serem tratadas como iguais, mesmo sendo mulheres e ainda por cima negras; um homem negro que vai em busca de uma vida melhor, mas se depara com situações de racismo pelo resto de sua vida. Neste último, a eleição de Obama é tratada como uma grande vitória para os negros. Tratava-se, finalmente, da eleição de um representante à altura.

A migração de negros para o Norte, consolidou o crescimento de comunidades negras em bairros e regiões como o Harlem e o Queens em Nova York e a Zona Sul de Chicago entre 1910 e 1920.¹⁵ A cultura negra crescia nessas regiões: músicos, poetas e romancistas negros ganhavam espaço e criavam ritmos que marcavam a história negra, principalmente o blues e o jazz, que misturavam ritmos africanos e europeus.¹⁶ Através desses ritmos, poesias e romances, os negros faziam suas manifestações contra a segregação racial e deixaram através delas, sua marca na construção da sociedade norte-americana como conhecemos hoje.

A luta das minorias nessa época, não se referia somente aos negros, mas também às feministas e aos homossexuais, também ignorados pela sociedade branca e machista. A luta pelos direitos civis no país, começa entre os anos 1950 e 1960, quando ao fim da Segunda Guerra Mundial, nada havia mudado no quadro vivido pelos negros no país. Os discursos de liberdade e os avanços econômicos dos quais não desfrutavam, deram início às lutas, manifestações e marchas da população negra, cansada da situação

¹⁵ KARNAL Leandro, **História dos Estados Unidos: da origem ao século XXI**. São Paulo: Editora: Contexto, 2013, p.183.

¹⁶ HOBBSAWM Eric, **História social do jazz**, Editora: Paz e terra, Rio de Janeiro, 1989. P. 9-311.

em que foram deixados no último século. Em todo o país, muitos negros se organizaram em marchas, guiados por grandes líderes negros, como Martin Luther King Junior¹⁷, que organizou em 1963 uma série de protestos no Alabama, que resultaram em grandes repressões violentas, levando a morte e prisão de muitos negros¹⁸. Após as crescentes manifestações, os negros obtiveram importantes ganhos: ingressaram na política, passaram a integrar a classe média da sociedade e a ocupar cargos que antes eram ocupados somente por brancos. No entanto, o poder econômico ainda estava concentrado na mão dos brancos e assim está até os dias atuais, mesmo após a eleição de um presidente negro em 2008. Obama deixou a presidência dos Estados Unidos após dois mandatos, sem ter consolidado políticas que promovam o fim, de fato, da desigualdade racial vivida no país, onde o racismo não é camuflado pela sociedade, ele está presente em grande evidência na sociedade. A democracia livre esperada e idealizada por Obama não foi concretizada e as tensões raciais não foram superadas.

Embora os negros tenham ganhado esse importante espaço no cinema norte-americano, lembrando, é claro, que se trata de representações brancas dos negros para o cinema, isso não significa que estejam ganhando espaço também dentro da sociedade, pois os tipos de produção só demonstram o quanto os Estados Unidos estão ligados à administração elitista branca, que marginaliza a situação vivida pelos negros, como é possível observar nas produções cinematográficas aqui analisadas, bem como outras produções que colocam o protagonista como o personagem principal. Um exemplo claro dessa ironia da qual se fala, é o seriado norte-americano *Todo Mundo Odeia o Chris*, que trata sobre a vida do ator e humorista Chris Rock, que passou por várias situações de discriminação na infância e adolescência, principalmente nos anos 1980, no bairro do Brooklyn. De forma

¹⁷ Martin Luther King Jr. (1929-1968) foi um pastor protestante e ativista político estadunidense. Tornou-se um dos mais importantes líderes do movimento dos direitos civis dos negros nos Estados Unidos.

¹⁸ KARNAL Leandro, **História dos Estados Unidos da origem ao século XXI**. São Paulo: Editora: Contexto, 2013, p.245.

sarcástica, o ator narra suas desventuras na escola, onde ele era diariamente agredido fisicamente e verbalmente por ser o único negro, bem como era discriminado pela professora que, apesar de não conhecer a família de Chris, acreditava que ele não conhecia seu pai e que sua mãe não sabia nem mesmo quem ele era, o que não é a realidade de Chris, que vive com o pai, a mãe e os dois irmãos.

As desventuras narradas pelo ator expressam a realidade de muitos jovens negros segregados a bairros que se tornaram caracteristicamente negros: Harlem, Brooklyn, Queens, entre outros, se tornaram bairros marginalizados nos Estados Unidos por serem mais humildes e, conseqüentemente, ambientes frequentados pela população negra em sua grande maioria. As produções cinematográficas e televisivas só têm feito ressaltar a marginalização desses bairros e da população negra. Esse tipo de abordagem dada aos negros nas produções cinematográficas só tem como consequência ressaltar a diferença de raças, o preconceito e a inferioridade dos negros, pois as produções são feitas a partir da visão que a elite branca possui da população negra. Nos filmes trabalhados, por exemplo, é tratado de forma ficcional e romantizada as lutas pelos direitos civis dos negros, colocados como personagens principais, mas que sempre dependem da “bondade” de algum integrante da elite branca como simpatizante da causa que será a única ponte entre os negros em alcançar os direitos civis iguais aos brancos.

O período do Governo de Obama foi a fase em que muitas das produções cinematográficas que tratam do período das lutas dos negros por direitos civis foram levadas ao cinema. À primeira vista, poderia significar que essa abertura cinematográfica estaria ligada à necessidade de representar as lutas negras históricas que levaram ao momento em que um negro chegou à presidência dos Estados Unidos, mesmo com a presença do racismo escrachado vivido no país. No entanto, as origens de Obama, não estão ligadas a essa comunidade negra que fez parte das lutas pelos direitos civis, ele faz

parte de uma geração que não esteve presente ou ligada de alguma forma a essas lutas. Filho de mãe branca, pai queniano, Obama foi criado pelos avós brancos em uma comunidade em que os negros eram minoria¹⁹. O momento da candidatura e a campanha de Obama, refletem uma suposta união entre negros e brancos, pois em regiões em que a maioria da população votante era de brancos, Obama venceu Hillary Clinton, como por exemplo, no Iowa.

A eleição de Barack Obama trouxe a falsa esperança de que as tensões raciais estavam superadas, quando o país elegeu um presidente negro pela primeira vez na história dos Estados Unidos, levando em consideração a história dos negros no país. Obama se mostrou mais preocupado com a população norte-americana no geral do que com os problemas específicos da comunidade afro-americana.

¹⁹ FINGUERUT Ariel, SOUZA Marco Aurélio Dias de : Raça e Imigração na nova configuração da política doméstica dos EUA durante os primeiros anos do governo de Barack H. Obama. p.3.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A crescente atenção à história das lutas dos negros nos Estados Unidos, da escravidão à busca pelos direitos civis em obras cinematográficas está associada à polêmica gerada nas premiações dos últimos anos em que poucos, ou nenhum, ator negro tenha recebido alguma indicação, como aconteceu nos anos de 2015 e 2016, em que nenhum ator negro recebeu nenhum tipo de indicação de grande relevância. Os indicados eram majoritariamente atores brancos. Para “corrigir” o problema e como uma forma de mais uma vez se desculpar publicamente com os negros, a premiação de 2017 teve recorde de indicações de atores negros. Além disso, muitas produções de negros como protagonistas foram feitas, mas sempre em situações de extrema humilhação, pobreza e vandalismo. É o caso dos filmes citados neste trabalho: todos apresentam os negros humilhados e passivos diante da sua situação, principalmente *em O mordomo da Casa Branca*, pois Cecil aceita sua condição e se dá por satisfeito com tudo aquilo que a elite branca lhe permite experimentar do “mundo branco”.

A grande abertura cinematográfica que a indústria norte-americana tem “permitido” a protagonistas negros, principalmente com relação a narrativas que tratam da história das lutas por direitos civis nos anos 1960, é feita de forma apelativa ao sentimental do telespectador, pois filmes que transmitem algum tipo de emoção, nesse caso a luta das minorias negras por direitos civis no país apresentada de forma sofrida e brutal, vendem e levam aos seus diretores prêmios de extrema importância. A ideia de mostrar as “origens” dos Estados Unidos e sua base fundada na escravidão, principalmente no Sul, tende a levantar mensagens de igualdade de forma ilusória, pois os filmes são representações brancas elitizadas dos negros, além de terem o puro objetivo de vender e atrair o público aos cinemas. As mais recentes produções não estão ligadas

a uma possível superação racial da sociedade norte-americana, assim como não estão ligadas ao fato de terem sido produzidas durante o mandato de seu primeiro presidente afro-americano, pois como citado acima, a política levada a frente por Obama sempre esteve voltada para o país como um todo, principalmente ligado à economia e não a questões raciais.

As recentes produções cinematográficas possuem o limitado objetivo de comover os telespectadores ou simplesmente fazer piada da situação. Nos próprios filmes os negros são representados como moradores de bairros pobres, limitados intelectualmente, marginalizados e ligados ao crime. Quando conseguem superar essa situação é devido à ajuda de alguém pertencente à elite branca. Só fazem ressaltar a grande segregação racial, colocando os negros no papel de “pobres coitados” que sofreram e não responderam à altura, pois deveriam ter pouca ou nenhuma esperança de mudar sua situação civil e social. A real intenção da indústria é simplesmente vender, pois as discussões raciais estão em alta, o que significa que as produções irão gerar dinheiro.

REFERÊNCIAS

CAPELATO, Maria Helena et al. (orgs.). **História e cinema: dimensões históricas do audiovisual**. 2. ed. São Paulo: Alameda, 2007.

MORETTIN, Eduardo. **O cinema como fonte histórica na obra de Marc Ferro. História**. Questões e Debates, Curitiba, v. 20, n.38.

FINGUERUT Ariel, SOUZA Marco Aurélio Dias de : Raça e Imigração na nova configuração da política doméstica dos EUA durante os primeiros anos do governo de Barack H. Obama

KARNAL Leandro, **História dos Estados Unidos: Da origem ao século XXI**. Editora: contexto, 2013.

HOBBSAWM Eric, **História social do jazz**, Editora: paz e terra, Rio de Janeiro, 1989.

KARNAL, Leandro. **Estados Unidos: A formação da nação**. Editora: contexto, 2017.

MORETTIN, Eduardo. **História e documentário**. Editora: FGV, 2012.